

CONHECIMENTO PRÁTICO

# LITERATURA



NÚMERO 55 - PREÇO R\$ 5,90

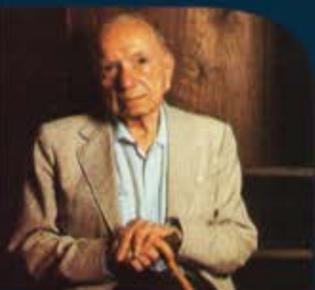


## Parabéns,

# MAFALDA

50 ANOS

de Um Símbolo da Resistência  
**DA AMÉRICA LATINA**



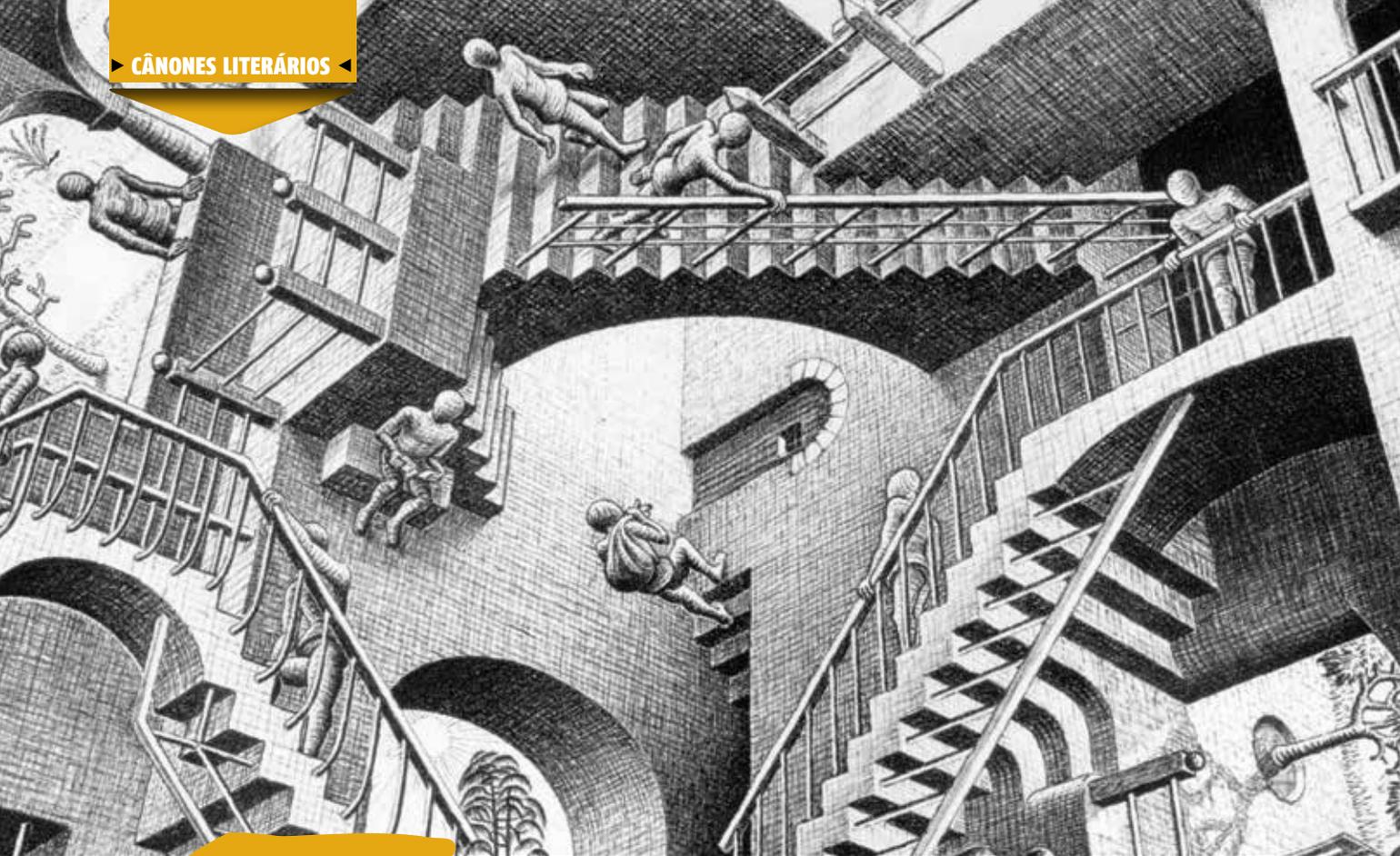
*Mário Quintana*

Um Olhar Poético Sobre o Mundo da Leitura

**SOLANO TRINDADE**  
Poeta, Negro e Revolucionário

**PASSEIO LITERÁRIO**  
Os Caminhos da Literatura na Pauliceia

**O PREFÁCIO**  
Que Valor Tem Numa Obra Literária



# Estranhos em casa

» por Dra. Simone Malaguti \*

## UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA ESTRANGEIRA NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

*Como deve ser pensado o estabelecimento de um cânone das literaturas estrangeiras nas universidades brasileiras? Como uma absorção de títulos consagrados pela história da literatura das metrópoles produtoras daqueles textos? Como uma transferência de conteúdos programáticos das melhores universidades estrangeiras das literaturas correspondentes? Como uma seleção a partir das traduções existentes no Brasil?*

\* Professor do Instituto de Alemão como Língua Estrangeira da LMU de Munique, Alemanha.

# “ O cânone literário é um instrumento de construção de identidade nacional, justificando-a, reforçando-a e representando-a. ”

Essas indagações ainda bastante atuais, promovidas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia S. Dornbusch em sua tese de doutorado *A Literatura Alemã nos Trópicos – Uma Aclimação do Cânone nas Universidades Brasileiras* (2005) e que servem de base para este artigo, incitam professores e estudiosos de literatura estrangeira a se perguntarem sobre a necessidade de uma renovação curricular e, principalmente, sobre a relevância de suas matérias com a realidade brasileira.

No âmbito nacional, elas nos parecem premente diante da rapidíssima popularização do ensino superior e à massificação da carreira de Letras. Do ponto de vista internacional, o mundo mudou muito desde os anos 1960. Estruturas e valores socioculturais considerados até então modelares passaram a ser repensados e transformados devido a certos acontecimentos revolucionários, como o movimento estudantil, a dissolução da família patriarcal, a emancipação feminina, a explosão dos meios de comunicação de massa, os avanços tecnológicos, o fim da Guerra Fria, a globalização e, ultimamente, a crise financeira.

O que isso tudo tem a ver com o cânone das literaturas estrangeiras no Brasil?

Vamos começar por responder à pergunta observando alguns aspectos do cânone: etimologia, definição e evolução. A seguir, vamos procurar os fundamentos teóricos que validem o estudo das literaturas estrangeiras fora do seu centro produtor e apontem para os resultados ou ganhos de tal lidar com a literatura na época atual.

## A QUESTÃO DO CÂNONE

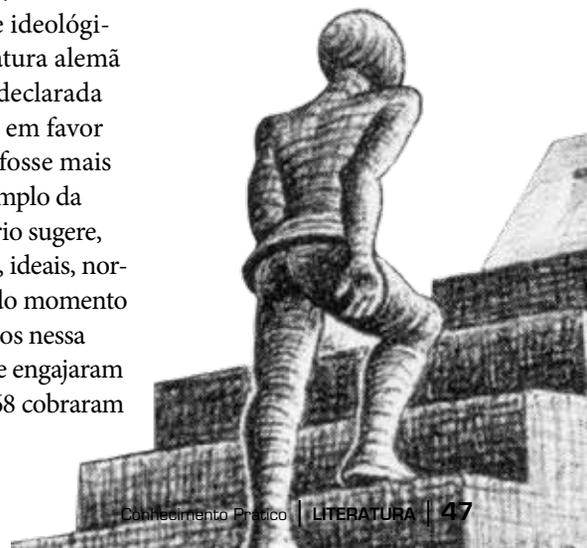
A palavra cânone vem do grego *kanna*, que significa vara ou linha reta, com a qual

alguns instrumentos eram construídos. A *kanna* determinava o tamanho ideal para o feito dos equipamentos. A ideia da proporção ideal e modelar passou para a retórica, ética e política em relação ao conjunto de textos considerados corretos. Essa concepção foi adotada pela Teologia para definir o conjunto de escrituras sagradas de inspiração divina. Assim, a Bíblia é considerada pela Igreja Católica uma obra canônica. Em consequência da secularização da cultura ao longo do século XVIII, o termo passou a ser aplicado também à literatura para significar o conjunto de obras-primas, ou seja, “lista de obras modelares, representativas, consagradas pela tradição e vinculadas a uma determinada cultura” (Dornbusch 2005: 47). O cânone literário está, portanto, para a cultura para a qual foi concebido, bem como para os valores dessa mesma cultura. Ele é um instrumento de construção de identidade nacional, justificando-a, reforçando-a e representando-a. Na história literária de alguns países, como na da Alemanha, por exemplo, os critérios para o estabelecimento de um cânone coincidem com a formação de uma unidade nacional no século XVIII e foram, portanto, além de estéticos e literários, políticos e ideológicos. Os representantes da literatura alemã daquela época visavam a uma declarada rejeição aos modelos franceses em favor de uma expressão estética que fosse mais nacional ou mais alemã. A exemplo da literatura alemã, o cânone literário sugere, portanto, um conjunto de ideias, ideais, normas e valores de um determinado momento sociocultural e histórico. Baseados nessa constatação, os estudantes que se engajaram no movimento estudantil de 1968 cobraram

### PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CLAUDIA S. DORNBUSCH.

Professora de língua e literatura alemã da Universidade de São Paulo desde 1987. Sua trajetória acadêmica tem contribuído para a vertente dos estudos interculturais e interdisciplinares.

Leia mais: DORNBUSCH, Claudia S. *A literatura alemã nos trópicos. Uma aclimação do cânone nas universidades brasileiras*. São Paulo: Anna Blume, 2005.



## PERFIL

**HANS ROBERT JAUSS**  
(1921–1997)



Professor alemão, discípulo da hermenêutica de Gadamer, membro fundador da Escola de Constança, crítico expoente da Estética da Recepção e responsável pela divulgação da expressão "horizonte de expectativas". A Literatura como Provação é uma de suas obras mais nucleares. Leia mais: JAUSS, Hans; LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

das autoridades educacionais uma revisão dos textos estudados nas universidades, pois se entendia que a educação até então privilegiava a manutenção de ideais de uma elite intelectual de pouca representação social e ideologicamente duvidosa. Exigiu-se um alargamento do conceito de literatura e daquilo que se considerava digno de ser estudado no ensino superior.

Então, a simples absorção de uma lista de títulos canônicos do exterior para o contexto dos cursos de Letras das universidades brasileiras pode tornar o processo ensino-aprendizagem inadequado, já que o cânone estudado das universidades estrangeiras é, na maioria dos casos, adaptado para as condições daquela sociedade em dado momento histórico e social. Além disso, o desenvolvimento de uma reflexão crítico-criativa pode estar fadado ao fracasso, dando lugar à mera reprodução daquilo que se estuda naquelas universidades. Ora, se estamos longe daquelas culturas estrangeiras, ricas e industrializadas – com exceção das latinas e africanas –, se os estudantes ingressam no curso sem conhecer ou dominar o idioma que querem estudar, como podem ter acesso à cultura alheia e aos seus valores para estabelecerem um diálogo qualitativo e original com eles?

## PERFIL

**WOLFGANG ISER**  
(1926–2007)



Professor alemão na Universidade de Constança. É, junto de Hans Robert Jauss, o fundador da Escola de Constança e defensor da Estética da Recepção. Escreveu *O leitor implícito*, *O Ato da Leitura*.

## O FOCO NA RECEPÇÃO

Há 50 anos, a resposta talvez fosse o trabalho paulatino de tradução dos clássicos como caminho de acesso à matéria de estudo. Contudo, como sabemos, esse método, seja para o ensino de línguas ou para o estudo do objeto estético, foi complementado por outros que prezam maior interatividade ou comunicação com o aluno e estudante.

A Estética da Recepção é uma das recentes teorias literárias que muito pode contribuir para um processo produtivo de ensino-aprendizagem de literaturas estrangeiras. Ela surgiu na década de 1960 num momento propício para uma mudança de paradigma nos estudos literários. Bem ao espírito reivindicador dessa década, colocou-se em questão o conceito de literatura propagado até então no meio acadêmico. A crítica maior foi à alta literatura, na qual predomina

a visão elitista e burguesa do termo e dos métodos. Essa alta literatura cedeu espaço a uma literatura mais ampla e contestadora, menos formal e requintada. Surgiram, assim, um novo fazer e pensar literários que repesaram, por exemplo: o conceito de cânone, a questão de autoria, a representação dos gêneros masculino e feminino, etnias e grupos marginais. Mais dois aspectos foram bastante questionados: a tradicional classificação aristotélica de gêneros literários e os métodos que privilegiam o autor – sua biografia ou a intenção (*intentio auctoris*) – e os elementos textuais (*intentio operis*), em vez de explicarem a obra em função: 1) de um aspecto cultural ou 2) do ponto de vista da recepção do texto.

Abriu-se, assim, no primeiro caso, o caminho para os estudos culturais na literatura; e com eles, passou-se também a estudar um texto literário do ponto de vista da interculturalidade, da interdisciplinariedade e da intermedialidade. Verifica-se também uma ampliação das concepções e dos elementos que determinam a compreensão do objeto estético por meio do enaltecimento da figura do leitor ou da recepção (*intentio lectoris*). Estamos falando, portanto, da contribuição da Estética da Recepção, na qual o leitor não é tratado como um meio consumidor, mas como um elemento ativo da leitura. O texto literário é visto como um corpo repleto de significados que pode ser continuamente pensado e interpretado por seus receptores. O alemão Hans Robert Jauss é considerado o pai dessa estética, e Wolfgang Iser, autor de *O leitor implícito* (1972) e *O ato da leitura* (1976), um dos seus maiores representantes. No seu livro *Interpretação e Superinterpretação* (1992), Umberto Eco manifesta-se igualmente a respeito da *intentio lectoris*, descrevendo-a como uma práxis, mediante a qual o leitor decide-se pelo sentido a ser lido. Cuidados alguns critérios, a Estética da Recepção contribui, portanto, com o estudante de uma literatura estrangeira, pois ao considerar a visão de mundo que ele traz consigo ao interagir com o texto literário, essa teoria valida a leitura do receptor. Se o receptor for “estrangeiro”, tanto mais essa leitura será interessante, pois ele poderá descortinar

## PERFIL

**HAROLD BLOOM** (1930)



Professor americano na Universidade de Yale e crítico literário. Bloom introduziu nos estudos literários teorias controversas acerca da influência poética e da crítica literária contra o feminismo, marxismo, new historicism e pós-estruturalismo. Leia mais: BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

intrigantes temas que passam despercebidos ao receptor nacional por lhe serem muitas vezes tão naturais.

O termo “estrangeiro” é aqui importante, pois ele remete à ideia de estranheza, como algo extraordinário, novo e que não parece familiar. Essa noção é extremamente produtiva no caso da recepção de textos literários estrangeiros, pois tudo aquilo que nos parece estranho e não familiar nos provoca a ponto de desejarmos nos aproximar daquilo para descobri-lo e conquistá-lo. Contudo, o processo de recepção não é uma rua de mão única, pois não é o texto literário que pergunta ao leitor, é este que vai à obra com perguntas presentes. Assim, o processo de recepção se dá na medida da interferência do leitor, na medida em que ele procura responder perguntas presentes naquele discurso passado.

## LITERATURA E CULTURA

Na aceção de literatura como um arsenal da memória cultural, ela é promotora da tradição e da identidade. É por meio dela que alguns fenômenos culturais ficam registrados na linguagem literária e se preservam na memória cultural. Ao serem resgatados, possibilitam preencher lacunas de várias ordens: literária, social, política, existencial.

Essa aceção é defendida por Harold Bloom em *O cânone ocidental* (1995). Ele defende que as obras canônicas, como *A Divina Comédia*, *Paraíso Perdido* e *Fausto*, têm um mistério, uma capacidade de nos fazer sentir “estranhos em casa”, pois elas repetem um saber, uma experiência ou um fenômeno cultural e/ou estético universal, mas de forma enigmática. Além disso, Bloom é da opinião de que os textos literários dialogam entre si. Para ele, uma obra é uma resposta intertextual a uma ou à outra(s) obra(s) literária(s) que a antecede(m).

Considerando esses fundamentos teóricos da Estética da Recepção, coadunando-os com o público estudantil brasileiro e com a distância do centro produtor da literatura estrangeira, o estabelecimento do cânone das literaturas estrangeiras nas universidades brasileiras deve ser pensado de forma que o estudante possa encontrar

nas obras a ele apresentadas algum tipo de diálogo ou resposta a perguntas atuais. Conforme Dornbusch (2005: 117-118), são essas: 1) “obras que ensinam um diálogo inter-épocas”, (...) “fundamentais para a formação cultural da humanidade”, como o *Bildungsroman*; 2) “obras de acessibilidade linguística no original”, (...) “tais como peças teatrais, poemas e narrativas curtas”; 3) obras estrangeiras que se encontram na recepção de autores brasileiros, em traduções ou em obras estrangeiras que representam estereótipos brasileiros (obras que permitam a reflexão sobre interculturalidade); 4) obras que incitam a multimedialidade e a relação com outros meios de comunicação (intermedialidade) e 5) obras que dialogam com outras disciplinas (interdisciplinaridade). Com os critérios citados, o lidar com a literatura atravessa o caráter nacional (do país de origem), universalizando-se, pois passa a ser refletido e/ou criticado a partir da diversidade cultural do outro (do país estrangeiro), ganhando novos parâmetros.

Como mencionamos no início deste artigo, o mundo tem passado por rápidas transformações. Os fatos geradores das mudanças mundiais alteraram de tal forma as regras sociais, que exigiram também uma nova maneira de as pessoas pensarem e agirem. No novo milênio, é imperativo que a formação universitária não se reduza a um foco especializado. Ela deve fazer jus à sua denominação e ser, portanto, universal. Conforme as propostas de Dornbusch, o cânone abre-se a vários enfoques, contribuindo tanto para a literatura como para outras áreas do saber. Espera-se, assim, um empenho duplo do estudante brasileiro: manter-se atualizado com o discurso científico no exterior e, concomitantemente, aprender a matéria não pela perspectiva endógena, e sim pela diversidade cultural, tornando o conhecimento significativo, associando-o com experiências da vida cotidiana.

Há, sem dúvidas, ganhos para a área e para o estudante. Resta saber se os centros produtores das literaturas no exterior continuarão resistindo ou irão igualmente se empenhar e interessar pelo outro.

# SAIBA +

## ESTUDOS CULTURAIS

Disciplina acadêmica inovadora que se ocupa do objeto de estudo a partir de aspectos da cultura. Trata-se de um conjunto de abordagens situadas na confluência de vários campos já estabelecidos para buscar inspiração em diferentes teorias. Os E. C. rompem certas lógicas cristalizadas e hibridizam concepções consagradas.



## DICA

### TRADUÇÃO DE CLÁSSICOS



Para os que se interessam pelo tema tradução, em especial a tradução literária, Quase a mesma coisa – experiências de tradução, de Umberto Eco, é leitura obrigatória. Nesse livro, editado em 2007, Eco não se propõe a elaborar uma teoria geral da tradução, mas a levantar questões surgidas a partir de experiências acumuladas ao longo de anos como teórico, revisor de traduções e autor traduzido. É um livro feito de exemplos, um mosaico de debates e citações: um auxílio inestimável a quem estuda e se interessa pelo assunto.  
<<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=2207673>>